



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n2p331-346>

## **Signos rebeldes: uma análise da vinheta dos vídeos do *Anonymous*<sup>1</sup>**

Antonio José de Souza  
Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

**Resumo:** Este artigo, recorte de dissertação em desenvolvimento, traz como foco a vinheta de abertura dos vídeos do grupo ciberativista *Anonymous*. O objetivo é compreender o potencial desse signo de gerar sentidos. Para compor o quadro teórico, um estudo sobre a violência sob o ponto de vista do filósofo Slavoj Žižek será o ponto de partida; a abordagem de Michel Maffesoli sobre o tribalismo e a importância da imagem para os grupos sociais também é requisitada. Para análise da vinheta, a metodologia tem amparo na semiótica peirceana; tal escolha se justifica pela possibilidade oferecida por essa teoria de aprofundamento nas camadas de sentido das representações. A relevância deste trabalho em consonância com a contemporaneidade está em propor reflexões sobre o potencial de sentidos advindos da representação desses grupos nascidos nas redes virtuais, o *Anonymous* em destaque.

**Palavras-chave:** Comunicação visual. *Anonymous*. Violência. Tribalismo. Semiótica peirceana.

### **Rebel signs: the *Anonymous*'s video opening under analysis**

**Abstract:** This article, a small part of a dissertation in progress, brings focus to the opening theme sequence of the *Anonymous*'s online videos. The objective is to understand the potential meanings of this sign. To compose the theoretical framework, Slavoj Žižek's view about violence will be the starting point. The approach of Michel Maffesoli on tribalism and the importance of the image to social groups is also required. For the analysis, the methodology is supported by Peirce's semiotics; such a choice is justified according to the possibility offered in this theory to penetrate several representation's meaning layers. This paper's relevance and contemporaneity is to propose reflections about the potential meanings arising from the representation of these groups born in the virtual networks, featured *Anonymous*.

**Keywords:** Visual communication. *Anonymous*. Violence. Tribalism.

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



## Introdução

Este artigo intenta apresentar reflexões sobre o potencial de sentidos da vinheta de abertura dos vídeos usada pelo grupo ciberativista *Anonymous*, conforme “We are anonymous”, disponibilizado no Youtube.

Para contextualizar a vinheta como elemento estético-discursivo, abordamos conceitos como violência e tribalismo. Considerando-se que, de modo diverso, a violência permeia as manifestações audiovisuais dos *Anonymous*, apresentamos, à luz de Benjamin e Žižek, concepções que contribuem para nossas reflexões. A violência, aos olhos de Benjamin, se dá em dois movimentos: de um lado, ela funda e mantém o direito. Do outro, ela é uma reação que tenta estabelecer novas relações de direito. Žižek resgata essa visão para depurar sua conceituação.

A questão das manifestações se tecerem em redes, entre pessoas afins — ideologicamente ou por outros ideais — evoca a ideia do tribalismo que caracteriza a contemporaneidade. Maffesoli (2014) dá suporte para essa abordagem conceitual.

Finalmente, para analisarmos o signo que escolhemos como elemento estético-discursivo dessas ideias, a vinheta, resgatamos a semiótica de Peirce; pois, a nosso ver, ela é capaz de nos levar a penetrar camadas de sentido que possibilitam a interpretação da imagem como linguagem ou sistema sógnico.

## Violência e seus desdobramentos sob o olhar de Žižek

O jornalismo constantemente solicita nossa atenção a partir de imagens brutais: crimes diversos pelo corpo das metrópoles, guerras e conflitos que mancham de vermelho o globo azul, além de terrorismo, desastres naturais, aéreos etc. Tais imagens tentam reter atenção da audiência — na tela da TV, do computador ou na capa das revistas — e, assim, consumimos violência. Mas será que realmente pensamos sobre ela? Será que compreendemos realmente a dinâmica da violência e o alcance de sua influência, que vai muito além dos efeitos especiais e da pauta jornalística?

Para Žižek (2014), é importante desmistificar a violência. Se realmente queremos combatê-la, devemos dar um passo para trás e nos desvencilhar do fascínio de suas expressões



mais óbvias. “O passo para trás nos permite identificar uma violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam combater a violência e promover a tolerância.” (ŽIŽEK, 2014, p. 17). Virar o rosto ou ser surpreendido no solavanco de emoções suscitadas por imagens midiáticas não ajuda a ter um olhar mais amplo — e verdadeiramente crítico — sobre o tema. Em primeiro lugar é necessário compreender com que tipo de violência estamos lidando. Para isso, o filósofo as divide entre a violência subjetiva e objetiva. Esta última se subdivide em duas vertentes: simbólica e sistêmica.

A violência subjetiva é aquela em que é possível identificar seu agente causador, por exemplo: um país que decide atacar outro, ou um criminoso que realiza um assalto, ou um grupo terrorista que realiza um atentado.

Para Žižek (2014, p. 17), “a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de violência.” É uma perturbação da normalidade das coisas, do funcionamento cotidiano da realidade. Um bom exemplo são os ataques terroristas nos EUA, o 11 de setembro. Esse tipo de violência pega-nos pela emoção e leva-nos a uma imediata condenação do ato. Acabamos por prestar atenção demais a ela sem compreender que, no mais das vezes, “a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência”. (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

A violência objetiva, ao contrário da subjetiva, é invisível. Ela sustenta essa normalidade, o nível zero, contra o qual as explosões de violência com um agente identificável se tornam evidentes. Dentre os tipos de violência inscritos nesta última — a objetiva — identificados por Žižek, a sistêmica é a que se destaca: além de ser inerente ao funcionamento normal de um sistema (político, social, econômico e cultural), quando percebida, nem é considerada uma violência, é “apenas o jeito como as coisas são”.

Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre “matéria escura” da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível. Pode ser invisível, mas é preciso levá-la em consideração se quisermos elucidar o que parecerá de outra forma explosões “irracionais” de violência subjetiva (ŽIŽEK, 2014, p. 18).

Ela não acontece apenas de forma direta, mas de formas mais sutis de coerção, por exemplo, as que sustentam relações de dominação e exploração. Além disso, é difícil identificar seu agente causador (ou agentes). A especulação e os movimentos financeiros são uma espécie



de abstração, uma “aura” presente e imanente, que determina o real e o destino de países e pessoas. E é precisamente aí que se encontra a violência sistêmica do capitalismo. Não é possível atribuí-la a um agente, a um vilão cheio de más intenções. Ela é anônima, inerente e intrínseca.

Assim, perdemos de vista o quanto somos atingidos por essa violência intrínseca que permite o funcionamento da “realidade”. Pensemos nas crises econômicas. Nós a vemos, muitas vezes, quase que de uma forma normal, enquanto deveríamos entendê-las como uma grande violência.

A segunda violência objetiva é a simbólica: aquela que age no interior da própria linguagem, ou seja, “[...] há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser” (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

A linguagem, mais do que uma saída para meios não violentos, guarda em si “algo de violento no próprio ato de simbolização de uma coisa, equivalendo à sua mortificação” (ŽIŽEK, 2014, p. 59) — noção advinda do pensamento de Hegel —, pois nomear algo é lançá-lo em um campo de significação que lhe é completamente exterior. É revesti-lo de uma camada de significação que lhe é completamente alheia e não tem relação com sua realidade imediata. A linguagem, assim, acaba por simplificar, de certa forma, a coisa designada.

Um bom exemplo desse fenômeno ocorreu quando os portugueses chamaram de índios os habitantes do Brasil. Os índios não se viam como “índios”: eram povos diversos que, muitas vezes, mantinham relações complexas entre si. O termo “índio” desprezava a diversidade cultural daquela população, homogeneizando-a. Além do mais, o termo reúne uma série de conotações e significados relacionada a uma visão de mundo que define e difunde uma imagem do índio que perdura até hoje.

A partir dessa divisão, é possível deduzir que, em muitos casos, a violência subjetiva é resultado da objetiva. Mas o que pode acontecer quando uma violência subjetiva resultante da violência objetiva que sustenta a realidade na qual a primeira se dá, opõe-se diametralmente aos excessos produzidos pela segunda?

Para compreender esse embate, Žižek (2014) retoma vigorosamente os conceitos de violência mítica e divina elaborados por Benjamin no começo do século XX. Tais conceitos não têm nada a ver com teologia ou com violências motivadas por questões religiosas. É bem



diferente disso. O mesmo autor observa que para o poder se preservar e perdurar, ele produz uma espécie de excesso superegoico: o próprio exercício do poder gera seu excesso. Esse excesso é uma violência objetiva, mais precisamente sistêmica: é inerente ao funcionamento da economia e do Estado, invisível e sustenta a “normalidade” das coisas. Aqui, precisamente, encontra-se a violência mítica.

De acordo com Benjamin (2013, p. 147), “A violência mítica em sua forma arquetípica é mera manifestação dos deuses”, uma manifestação de sua existência. Mas qual sua relação com o excesso que mantém o funcionamento normal do Estado, por exemplo? Para explicar, o autor lança mão da lenda de Níobe e afirma que a vingança empreendida contra a deusa é muito mais uma instauração de direito do que um castigo por sua afronta a um direito existente. “O orgulho de Níobe atrai sobre si a fatalidade, não porque fere o direito, mas porque desafia o destino — para uma luta na qual o destino deve vencer, engendrando, somente nessa vitória, um direito.” (BENJAMIN, 2013, p. 147). Portanto, a violência mítica é instauradora/mantenedora do direito.

E o que é então a violência divina? É “a não menos fundamental violência que sustenta toda e qualquer tentativa de minar o funcionamento do Estado” (ŽIŽEK, 2014, p. 11). Nesse aspecto, as explosões de violência subjetiva como, por exemplo, os protestos pelo aumento da passagem de ônibus em 2013 no Brasil, podem ser lidas como expressões de uma violência divina. Afinal, como já citado, é possível perceber que a violência subjetiva é uma resposta à violência objetiva.

Mais precisamente, a violência divina não é uma intervenção direta de um Deus onipotente vindo punir a humanidade pelos seus excessos, uma espécie de previsão ou antecipação do Juízo Final: a distinção última entre a violência divina e as *passages a l'acte* violentas/impotentes que são as nossas, dos humanos, é que, longe de exprimir a onipotência divina, a violência divina é *um signo da própria potência de Deus (o grande Outro)*. Tudo o que muda entre a violência divina e uma *passage a l'acte* cega é o local da impotência (ŽIŽEK, 2014, p. 156).

Para ilustrar a violência divina e sua oposição à violência mítica, basta observar um exemplo de Žižek: Gandhi. De acordo com o filósofo, Gandhi foi extremamente violento. Ao liderar e organizar greves sem o uso de uma violência direta (subjetiva) ele conseguiu paralisar



o funcionamento econômico e político normal da colônia e colocou em cheque a dominação britânica. É por esse motivo que a reação do poder é tão brutal, reativa, pois tal brutalidade é antes de tudo, protecionista (ŽIŽEK, 2014, p. 11).

E o que acontece quando o desejo de se opor à violência sistêmica constitui-se como um motivo para reunir pessoas? O que pode acontecer quando a violência mítica suscita uma espécie de “laço social” entre aqueles que sentem o peso de sua presença? Prosseguimos com nossas reflexões, abrindo espaço para ideias de Maffesoli.

### **Tribalismo e pós-modernidade: modos de ser e fazer na perspectiva de Maffesoli**

Estar junto por estar. Lançar-se às atividades coletivas pelo mero prazer de se perder na multidão. Pensar menos com o cérebro e mais com “as entranhas”. O retorno dos valores arcaicos em tensão e reunião com a tecnologia. Estas são algumas das características do pós-modernismo para Maffesoli (2014, p. 1).

A tônica colocada nos diversos rituais, na vida comum, na duplicidade, no jogo das aparências, na sensibilidade coletiva, no destino, em suma, na temática dionisíaca, ainda que possa ter provocado sorrisos, não deixa de ser utilizada de diversas maneiras, em inúmeras análises contemporâneas.

Num primeiro momento, essa perspectiva causa certo estranhamento, afinal estamos acostumados a ouvir que nosso tempo caminha para um individualismo exacerbado, em que a tradicional alienação social europeia é o modo de ser e estar no mundo vigente. Para Maffesoli (2014), contudo, vivemos uma espécie de “individualismo grupal”, em que a soberania da identidade é questionada por um intenso e irresistível desejo de estar junto. Mais do que dentro de organizações artificiais como os partidos, empresas, nações, família, deseja-se estar junto em comunidades de afinidade. São tempos de olhar para o mundo com os olhos da emoção, enquanto a razão, se não cala, pelo menos consente.

Essa relação entre razão e emoção é o primeiro passo para compreendermos a dinâmica do que Maffesoli (2014) chama de tribalismo. Para o mesmo autor, o racionalismo é a marca da modernidade. A partir do advento do Iluminismo e das ideias de Descartes, a razão tornou-se dominante e o século XX foi seu apogeu: o desenvolvimento técnico-científico, a evolução



das máquinas, a velocidade, a racionalização do inconsciente com Freud, a definição do Indivíduo e o desabrochar do individualismo, a separação entre corpo e mente e o declínio do imaginário e da emoção em nome do utilitarismo. Porém, na pós-modernidade, reabilitam-se as emoções e o imaginário reemerge livre das amarras. O corpo é celebrado e vivenciado.

O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, e tudo o que acompanha o tribalismo pós-moderno (MAFFESOLI, 2014, p. XXI).

Mas o que é o tribalismo pós-moderno? É a tensão fundadora que caracteriza a socialidade contemporânea. É uma espécie de “nebulosa” de pequenas entidades locais, os microgrupos. É a reunião em grupos de afinidade – ao contrário dos grupos contratuais – em que prevalecem os jogos da aparência, a teatralidade que instaura e reafirma a comunidade e o culto ao corpo. De acordo com Maffesoli (2014, p. 139), “é próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, táctil da existência social. Estar junto permite tocar-se.”

No retorno ao tribalismo, prevalecem as noções de comunidade emocional, socialidade, arcaísmo e policulturalismo. Aos olhos deste teórico, a relação com o outro prevalece e desestabiliza a identidade. Portanto, prevalece a persona ao indivíduo.

O que é certo, é que não é mais a partir de um indivíduo, poderoso e solitário, fundamento do contrato social, da cidadania desejada ou da democracia representativa que se defende como tal, que se faz a vida em sociedade. Esta é, antes de tudo, emocional, fusional, gregária (MAFFESOLI, 2014, p. XXIX).

Ou seja, a identidade se desestabiliza. A unicidade dá lugar à multiplicidade. Esse deslocamento do indivíduo que exerce sua função em conjuntos contratuais dá lugar à pessoa que representa papéis nas mais diversas tribos. É possível participar de vários grupos e interpretar papéis, modular a presença. Por isso, a noção de persona oriunda da perspectiva de Jung e de máscara tornam-se relevantes. “Com efeito, enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (*persona*) só existe na relação com o outro” (MAFFESOLI, 2014, p. 17). Assim, lançar-se à “lógica do grupo” é lançar-se ao outro, à abertura e ao dinamismo.



Portanto, a saturação do sujeito desemboca no que Maffesoli denomina de “narcisismo de grupo”, algo que contagia, suscita o sentimento, ultrapassa os indivíduos e chega à socialidade: “para quem e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma *centralidade subterrânea informal* que assegura a perdurância da vida social” (MAFFESOLI, 2014, p. 6). Uma verdadeira “sacralização” das relações sociais, que se opõe ao poder político e econômico. É a dimensão comunitária da socialidade. E os exemplos são inúmeros, como o instinto de imitação, a moda e as pulsões gregárias de todos os tipos, como os grandes espetáculos musicais e os eventos esportivos.

Assim, o sujeito coletivo surge no neotribalismo e a ambiência emocional aflora no “paradigma estético” que nada mais é do que o vivenciar e o sentir comuns, uma mistura inusitada de indiferença e energia pontual, presentes na experiência do mito (ao contrário da experiência individual da construção da história com outros indivíduos no contrato social).

### **O potencial de sentidos que advém da vinheta do *Anonymous***

Até o momento, delineamos o cenário que nos permite avançar para o nosso objeto de estudo, a vinheta de abertura dos vídeos do *Anonymous*. Iniciamos por contextualizar o grupo em questão para, então, analisarmos semioticamente a vinheta, buscando, desta forma, esboçar o potencial de sentidos que se desencadeia dessa representação visual.



## **Greetings, world. We are Anonymous**

*Anonymous* é uma organização hacktivista (uma espécie de ativismo digital exercido por *hackers*) descentralizada e sem hierarquia definida, cujo início das ações são datadas do começo da primeira década dos anos 2000 (em torno de 2008) (MACHADO, 2013, p. 21). Nascido a partir de um popular fórum de imagens, o 4Chan, as ações do grupo evoluíram do *bullying* eletrônico para ações coletivas coordenadas e para um trabalho de inteligência coletiva. O marco inicial dessas ações foi a declaração de guerra à Igreja da Cientologia, a partir da divulgação de um vídeo na Internet (p. 22) e subsequentes ataques virtuais.

Desde então, as ações do *Anonymous* têm sido constantes e os alvos, os mais variados: desde empresas ligadas à tecnologia (Facebook, PayPal), o governo americano e a organização fundamentalista Estado Islâmico.

Aqui, convergem as ideias de Žižek e Maffesoli: são pessoas que se organizam para se opor, muitas vezes, aos excessos da violência sistêmica do poder (político e econômico) e empreender uma contra violência (subjéctiva) a esse excesso imanente. Essas pessoas se organizam em grupos sob a alcunha *Anonymous* e seus signos comuns (a máscara inspirada no personagem “V” do filme “V de Vingança”, o manto preto, os elementos visuais formais dos vídeos divulgados na Internet), cuja identidade dessa contra violência só é identificável pela sua própria natureza (alinhada ao posicionamento ideológico que sustenta o *Anonymous*) e por sua estética com diversos elementos oriundos da cultura das mídias, como a adoção das ideias e da figura do personagem “V”, uma espécie de invólucro vazio que permite às pessoas reconhecerem-se e partilharem esse ideal comum. Essa estética também é composta pela emoção: o sentimento que os une a se organizar para se opor à violência sistêmica.

Para compreender um pouco os elementos unificadores do discurso, vale lançar mão da semiótica peirceana a fim de analisar a vinheta comumente usada nos vídeos do *Anonymous*.

### **Os signos em cena: análise semiótica da vinheta de abertura dos vídeos**

A vinheta começa com uma saudação (“*Greetings, world. We are Anonymous*”) e logo surgem as imagens acompanhadas de intensa trilha sonora que se encerram com a logomarca



do *Anonymous*. Seguiremos, aqui, a lógica de Peirce para compreender a produção de sentidos dessa vinheta.

Segundo Peirce, há três maneiras diferentes de algo se fazer signo: por suas qualidades, existência ou pelo caráter de lei; portanto, em conformidade com a lógica das categorias fenomenológicas – primeiridade, secundidade e terceiridade – que sustentam todo o constructo teórico deste autor. Nosso trajeto metodológico de análise começa nos aspectos qualitativos e adentra os aspectos existenciais e os de lei. A cada um deles corresponde um modo de olhar: o contemplativo, o existencial e o interpretativo, respectivamente.

De acordo com Santaella (2002, p. 7), “a primeiridade aparece em tudo o que estiver relacionado com acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada”. Portanto, uma qualidade pode ser signo quando é uma propriedade formal que se faz presente em sua materialidade. Para apreender os qualissignos (o signo como qualidade) é necessário despir o olhar da razão; há que ser criança que se encanta com o mundo para perceber sua presença.

Figura 1 - Imagem de frame da vinheta de abertura do *Anonymous*: capturando qualidades



Fonte: Reprodução por meio de *print screen* de imagem em vinheta do grupo ciberativista *Anonymous* exibido no Youtube. Disponível em: <<http://i.ytimg.com/vi/vrgvf9us3eY/hqdefault.jp>>. Acesso em: 15 jun. 2015.



No caso da vinheta, as linhas e cores em movimento junto com a trilha sonora intensa (arranjos mais próximos à música clássica e um coral) chamam a atenção. O verde e o dourado das linhas do globo, juntamente com as luzes, prendem e guiam os sentidos do espectador rumo à conclusão da vinheta, em que o globo terrestre dourado em contraste com o fundo verde se ilumina e, a partir de uma transição, revela a logomarca do *Anonymous*.

Na sua relação com o objeto, “dependendo do fundamento, ou seja, da propriedade do signo que está sendo considerada, será diferente a maneira como ele pode representar seu objeto” (SANTAELLA, 2002, p. 14). Portanto, se o fundamento é um qualissigno, em sua relação com o objeto que representa, o signo será um ícone, precisamente porque suas qualidades sugerem o objeto a partir de uma relação de semelhança.

Por suas qualidades, portanto, essa vinheta lembra a abertura de um programa jornalístico, de um “*breaking news*” (como a vinheta do Plantão da Globo, que irrompe no meio da programação trazendo notícias urgentes de última hora).

E o que esses elementos (cores, formas, músicas) podem causar em nossa mente? É necessário evocar o interpretante, o terceiro elemento constituinte do signo, que trata do efeito interpretativo que o signo produz em uma mente. “A teoria dos interpretantes de Peirce é um conjunto de conceitos que faz uma verdadeira radiografia ou até uma microscopia de todos os passos através dos quais os processos interpretativos ocorrem” (SANTAELLA, 2002, p. 23).

Nesse caso, os possíveis interpretantes ou efeitos de sentido provocados pelo signo/vinheta são da ordem da emoção. O intérprete/espectador pode se envolver com as cores e formas, pode se deixar levar pelo movimento ou se enlevar pelo ritmo da música.

Caminhando para os aspectos referenciais do signo, nos deparamos com o segundo fundamento, o sinsigno, que está ligado à secundidade. De acordo com Santaella (2002, p. 47), “esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente.” Todo e qualquer existente relaciona-se com diversos outros existentes. Ocupar um lugar no tempo e espaço é conectar-se. Portanto eu, você e todos os existentes apontamos para outros existentes. Uma foto, por exemplo, refere-se a um existente em um determinado lugar, em um determinado momento. É essa propriedade de existir que tem o poder de funcionar como signo e recebe o nome de sinsigno.



Um espectador, ao ver essa vinheta, pode reconhecê-la como uma chamada de “notícia urgente”, ou apenas como a abertura de algum tipo de programa. Depende muito de sua experiência colateral ou do grau de familiaridade do intérprete com o objeto. Assim, se ele já viu outros vídeos do *Anonymous*, pode reconhecer que se trata de mais um vídeo do grupo, inclusive pela saudação de abertura antes da vinheta. Há que se considerar também a familiaridade do espectador com a língua inglesa que possibilitará o reconhecimento imediato de mais uma mensagem do grupo. Mas, considerando-se que a natureza do sinsigno está assentada na secundidade, ação/reação, seus efeitos estão relacionados à atenção e tensão, necessários para apreender os sentidos do espectador e prepará-lo para a mensagem a seguir.

O globo terrestre em movimento e todos os aspectos qualitativos já observados remetem à abertura de um programa de TV, especificamente, de um programa jornalístico. Aqui, cabe ressaltar a mensagem de voz no começo da vinheta e a logomarca no fechamento: em ambos os casos, elas apontam diretamente para o emissor da mensagem a fim de identificá-lo.

Os interpretantes, no nível do sinsigno, provocam o reconhecimento do emissor: constata-se que é uma mensagem de um grupo chamado “*Anonymous*”, o que pode suscitar a curiosidade do espectador que não sabe do que se trata ou, se já ouviu falar, mas nunca assistiu aos seus vídeos. No caso dos espectadores mais familiarizados com o grupo, mesmo que eles nunca tenham visto a abertura, a frase no início e o logo no fim já deixam claro de que se trata de mais uma de suas conhecidas mensagens.

Finalmente, chegamos ao terceiro fundamento do signo que instala-se no território da terceiridade. As classificações dos signos que aqui se encaixam são legissigno, símbolo, interpretantes lógicos.

A terceiridade trata da lei, da generalidade. Conforme Santaella (2002), a lei é uma abstração que é operativa. Essa generalidade age sobre os singulares e faz com que as coisas ocorram conforme essa lei ou generalidade determinam.

Quando alguma coisa tem a propriedade de lei, ela é um legissigno. Na sua relação com o objeto, o legissigno torna-se um símbolo. “Se o fundamento do símbolo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente. O hino nacional representa o Brasil. A bandeira brasileira representa o Brasil”.



(SANTAELLA, 2002, p. 20). É neste momento da análise que se efetiva o processo interpretativo, ou seja, os interpretantes lógicos é que guiam esse processo.

Figura 3 - Abrem-se as cortinas e revelam-se os aspectos simbólicos do frame.



Fonte: Reprodução de imagem com *print screen* da vinheta do grupo ciberativista Anonymous no Youtube. Disponível em: <[http://i.ytimg.com/vi/m\\_rejLZBBM/hqdefault.jp](http://i.ytimg.com/vi/m_rejLZBBM/hqdefault.jp)>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Assim, sobre a composição da vinheta é possível identificar índices que comprovam a influência da linguagem da TV, especialmente dos programas jornalísticos, além de elementos oriundos da publicidade/propaganda, como a logomarca que identifica o emissor da mensagem. Ou seja, os possíveis interpretantes referem-se, inicialmente, à estética oriunda da TV (jornalismo e publicidade) e à vinheta como abertura dos vídeos postados pelo grupo em redes sociais (especialmente no *Youtube*).

Da mesma forma, o globo terrestre em movimento na vinheta (e presente no logo) revela o alcance mundial do movimento e a amplitude da projeção de sua mensagem. As luzes intensas e o dourado trazem a ideia do esclarecimento pela informação e conhecimento. Essa relação da luz com o conhecimento já é antiga. Basta lembrarmos do Iluminismo, do Século das Luzes, de *enlightenment*, que significa esclarecimento. As luzes do conhecimento que afastam as trevas da ignorância. Essas luzes pintam os louros que, ao acompanhar o círculo, tomam a forma de coroa. Ora, a coroa de louros é impregnada de sentidos. Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 561)



destacam que o louro, como todas as plantas que permanecem verdes no inverno, está ligado ao simbolismo da imortalidade adquirida pela vitória. Não por outra razão, o louro foi adotado pelos romanos, que dele fizeram o emblema da glória. Insígnia de poder e de luz da coroa.

Portanto, encontramos elementos de uma estética no sentido que Maffesoli (2014) propõe para o neotribalismo: uma ambiência emocional, um “sentir comum” que aflora na vivência do mito (no caso, na adoção de um signo oriundo da cultura das mídias com toda sua carga simbólica, bem como o uso de elementos que representam a glória, o conhecimento) que permite a indivíduos expressarem e vivenciarem um sentimento de realização de uma violência.

Ora, se observarmos os relatos dos “Anons” no documentário “*We Are Legion*” e nos atermos à pesquisa empreendida por Murilo B. Machado (2013) sobre o *Anonymous* e sua atuação no Brasil, é possível perceber essa adesão ideológica a uma ideia. Pois, os relatos deixam claro que o *Anonymous* não é uma organização tradicional, centralizada, hierárquica, mas é uma “ideia”. Aqui, Žižek vem em nosso auxílio a partir do “grande Outro”, conceito que ele retoma de Jacques Lacan.

Para Lacan, o grande Outro “é de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido” (QUINET, 2012, p. 21). A partir de Lacan, Žižek afirma que o grande Outro é a ordem simbólica exterior subjetivada pelos indivíduos (o Outro da linguagem), que regula seus atos e restringe ou exige seu gozo, a partir de um fora-dentro, algo do exterior que é extremamente íntimo. Essa ordem simbólica, uma espécie de segunda natureza de todo ser falante, é um “mar em que todos nadamos”, mas que permanece impenetrável; é a constituição não escrita da sociedade, conforme Žižek (2010). Ou seja: é um conjunto de regras (morais, gramaticais, legais) e um contexto que sempre está presente quando falamos uns com os outros. Durante um diálogo, não há apenas pessoas (egos) que se comunicam, mas essa “rede” que “fala silenciosamente” em suas falas. Ou seja: quando um sujeito fala, a fala nunca é apenas sua, mas é desse Outro que habita “sob a pele”, “[...] um estranho sujeito que não é simplesmente um outro ser humano, mas o Terceiro, o sujeito que se eleva acima da interação de indivíduos humanos reais [...]” (ŽIŽEK, 2010, p. 54).



O espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual posso me medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado ou reificado como um agente único: o “Deus” que vela por mim do além, e sobre todos os indivíduos reais, ou a Causa que me envolve (Liberdade, Comunismo, Nação) e pela qual estou pronto a dar minha vida (ŽIŽEK, 2010, p. 17).

Nosso grande Outro aqui é o *Anonymous*: esse Terceiro que fala a partir dos sujeitos nos vídeos. A Causa, a Liberdade ou a Ideia, nesse caso, e que se vale de uma linguagem que traz em si elementos oriundos de outras linguagens, assim como uma articulação específica de signos para que sua mensagem seja compreendida e cause impacto.

### **Considerações finais**

A análise da vinheta de abertura revela aspectos que o olhar interpretativo colheu a partir da observação. A partir dela, identificou-se elementos de uma estética no sentido que Maffesoli propõe para o neotribalismo, pois dentro de um sentir comum, as imagens são fundamentais para reafirmar o laço que une o grupo, pois os sujeitos se alimentam dessas imagens, incorporam-nas em suas práticas e as fazem circular entre si.

Além disso, é possível identificar signos que compõem a linguagem das mensagens audiovisuais do *Anonymous* e são importantes para que as mensagens sejam reconhecidas pelos participantes do grupo, que são impactados por suas mensagens e suas ações. Tais elementos são responsáveis por identificar uma “autoria” do vídeo. Por mais que não seja possível identificar a pessoa que o fez, sabe-se que ele está no âmbito das ações do *Anonymous*. Esse reconhecimento de autoria, aliás, gera mais credibilidade ao conteúdo do vídeo.

Outro ponto a se destacar é que a linguagem audiovisual do *Anonymous* alimenta-se de aspectos comuns a outras linguagens, como o cinema, vídeo, jornalismo e publicidade.

A presente análise, à luz das ideias de Žižek e Maffesoli, procurou explicitar que se trata de um grupo de pessoas unidos por um sentir comum: resistir a violência do poder econômico e político. E uma das armas do *Anonymous* é o discurso. Portanto, os vídeos postados no Youtube são ações táticas dentro de uma lógica de resistência. O discurso do grupo é a Ideia que o sustenta articulada em linguagem audiovisual. É uma forma de resistência contra a violência sistêmica a que Žižek se refere.



## Referências

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem (1915/1921)**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

MACHADO, Murilo Bansi. **Anonymous Brasil: poder & resistência na sociedade de controle**. 201. 120 f. Dissertação - Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

YOUTUBE. **Vinheta dos Anonymous**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vrgvf9us3eY>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

Antonio José de Souza – Universidade de Sorocaba – Uniso.  
Sorocaba | São Paulo | Brasil. Contato: berilio88@gmail.com

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza – Universidade de  
Sorocaba – Uniso. Sorocaba | São Paulo | Brasil. Contato:  
luciana.souza@prof.uniso

Artigo recebido em novembro de 2016 e  
aprovado em dezembro de 2016